



Mia Couto

A fogueira

Oheñ

Ohnisko

A túz

Palenisko

**CADERNOS CPLP – BUDAPESTE N° 1/
ORGANIZAÇÃO ISTVÁN RÁKÓCZI**







Mia Couto

a fogueira
oheñ

ohnisko
a tůz
palenisko

Budapeste, 2017





© Mia Couto e tradutores, 2017

ISBN 978 963 284 876 1



**EÖTVÖS
UNIVERSITY
P R E S S**

www.eotvoskiado.hu

Editor responsável: Décano da Faculdade de Letras da ELTE

Responsável editorial: Ádám Gaborják

Maneger do projecto: Júlia Sándor

Paginação: Tibor Anders

Capa: Ildikó Csele Kmotrik

Tipografia: Komáromi Nyomda és Kiadó Kft.

CAROS amigos

Não existem línguas grandes nem pequenas. Todas são igualmente ricas e valiosas. Todas trazem dentro uma longa história, todas foram fabricadas por incontáveis vidas e infinitos sonhos. No meu país há mais de 30 idiomas diferentes. Fazem parte das línguas chamadas "bantus" que cobrem grande parte do continente africano. Muitas dessas línguas estão em risco de desaparecer. Ficamos comovidos quando uma espécie biológica entra em extinção. E temos razão. Mas o mesmo sentimento deveríamos ter quando se reduz o património linguístico da humanidade.

A língua portuguesa é uma das línguas de Moçambique. Paradoxalmente, foi a língua do colonizador. Mas as ironias da História tornaram-na numa das mais importantes armas na luta pela independência do país e na afirmação da identidade moçambicana. No início, em 1975, apenas uma pequena minoria falava português. A lusofonia dizia respeito, nessa altura, a uma pequena elite das cidades. Passadas 4 décadas, a língua portuguesa passou a ser falada por uma larga maioria dos moçambicanos. Hoje é uma das mais importantes línguas em que os moçambicanos se dizem, se afirmam e sonham.

Se existe um motivo para saudar da Língua Portuguesa é exatamente essa capacidade de ser dos outros, essa faculdade de deixar de ser "portuguesa". Essa disponibilidade de namorar com outras culturas não advém de alguma essência particular. Nasce sim da dinâmica histórica a que esse idioma foi, a um tempo, sujeito e objecto. A criação do Brasil e das cinco nações africanas trouxe uma vitalidade e plasticidade particulares à língua portuguesa. Somos todos igualmente autores da palavra com que nos fazemos ao mundo.



Num tempo que insiste em criar fortalezas intransponíveis diferenças celebramos na língua portuguesa essa capacidade de ser rio e oceano, de se converter em barco e em viagem. E assim nos fazer mais próximos e semelhantes

Mia



A **PRESENTE** edição pentalingue é publicada em cem exemplares numerados na oitava edição do Dia da Língua Portuguesa e da Cultura da CPLP, que se celebra na Universidade ELTE de Budapeste. Em 31 de Outubro de 2016, a Hungria, a República Checa e a Eslováquia foram admitidas como países observadores associados à CPLP. A feliz circunstância de esta integração acontecer num contexto em que a cooperação regional centro-europeia do chamado grupo de Visegrado ganha novo elã oferece-nos novas "janelas de oportunidade", entre as quais esta: conjugar e multiplicar os nossos esforços em benefício da divulgação da língua e das culturas de língua portuguesa. Em Janeiro deste ano, com a finalidade de estreitar uma colaboração e intercâmbio nas estruturas CEEPUS, as Universidades de Budapeste, Bratislava, Cracóvia, Praga e Varsóvia formaram uma rede, a RELUCE (Rede de Lusitanistas Centro-Europeus), aberta aliás a todas as outras universidades, professores e investigadores da região danubiana. Um primeiro fruto desta não inédita aproximação, pois as Jornadas de Língua Portuguesa e de Culturas Lusófonas da Europa Central e de Leste nos vêm congregando de forma sistemática e regular, traduz-se este ano num concurso internacional lançado simultaneamente na República Checa, Eslováquia, Hungria e Polónia para a tradução do conto "A fogueira" de Mia Couto, escritor moçambicano nobelizável destacado neste ano nas comemorações budapestinas do Dia da Língua Portuguesa e da Cultura da CPLP, uma acção promovida pelas Embaixadas de Angola, Brasil e Portugal, que não apenas agora, mas em plataformas como a do Festival Internacional do Livro de Budapeste, formam um espaço lusófono para dar uma maior visibilidade não apenas às suas literaturas, mas também a outras de expressão portuguesa.

Agradecendo o empenho dos participantes e apoiantes do concurso, o Instituto Camões através do seu Centro de Língua Portuguesa em Budapeste, a Direcção Geral do Livro, Arquivos e Bibliotecas e muito especialmente a todos os meus colegas professores, tenho o privilégio de convidar o Leitor a este exercício intelectual simultaneamente singular e pluralíssimo: saborear o conto e os textos vencedores do concurso. Com a presente publicação em parceria com a Faculdade



de Letras e a Editora da ELTE, lançamos o primeiro número da série CADERNOS CPLP – BUDAPESTE, que tem também o patrocínio do Ministério dos Negócios Estrangeiros e do Comércio da Hungria, nas vésperas da sua presidência rotativa dos V4.

Dr. István Rákóczi

Director do Departamento de Língua
e Literatura Portuguesas da ELTE, ponto
focal da cooperação da Hungria com a CPLP

Budapeste, 25 de Abril de 2017



Mia Couto – A fogueira

AVELHA estava sentada na esteira, parada na espera do homem saído do mato. As pernas sofriam o cansaço de duas vezes: dos caminhos idosos e dos tempos caminhados.

A fortuna dela estava espalhada pelo chão: tigelas, cestas, pilão. Em volta era o nada, mesmo o vento estava sozinho.

O velho foi chegando, vagaroso como era seu costume. Pastoreava suas tristezas desde que os filhos mais novos foram na estrada sem regresso.

“Meu marido está diminuir”, pensou ela. “É uma sombra.”

Sombra, sim. Mas só da alma porque o corpo quase que não tinha. O velho chegou mais perto e arrumou a sua magreza na esteira vizinha. Levantou o rosto e, sem olhar a mulher, disse:

– Estou a pensar.

– É o quê, marido?

– Se tu morres como é que eu, sozinho, doente e sem as forças, como é que eu vou-lhe enterrar?

Passou os dedos magros pela palha do assento e continuou:

– Somos pobres, só temos nada. Nem ninguém não temos. É melhor começar já a abrir a tua cova, mulher.

A mulher, comovida, sorriu:

– Como és bom marido! Tive sorte no homem da minha vida.

O velho ficou calado, pensativo. Só mais tarde a sua boca teve ocasião:

– Vou ver se encontro uma pá.

– Onde podes levar uma pá?

– Vou ver na cantina.

– Vais daqui até na cantina? É uma distância.

– Hei-de vir da parte da noite.

Todo o silêncio ficou calado para ela escutar o regresso do marido. Farrapos de poeira demoravam o último sol, quando ele voltou.

– Então, marido?

– Foi muito caríssima - e levantou a pá para melhor a acusar

– Amanhã de manhã começo o serviço de covar.

E deitaram-se, afastados. Ela, com suavidade, interrompeu-lhe o adormecer:

– Mas, marido...

– Diz lá.

– Eu nem estou doente.

– Deve ser que estás. És muito velha.

– Pode ser - concordou ela. E adormeceram.

Ao outro dia, de manhã, ele olhava-a intensamente.

– Estou a medir o seu tamanho. Afinal, você é maior que eu pensava.

– Nada, sou pequena.

Ela foi à lenha e arrancou alguns toros.

– A lenha está para acabar, marido. Vou no mato levar mais.

– Vai, mulher. Eu vou ficar covar seu cemitério.

10 Ela já se afastava quando um gesto a prendeu à capulana e, assim como estava, de costas para ele, disse:

– Olha, velho. Estou a pedir uma coisa...

– Queres o quê?

– Cova pouco fundo. Quero ficar em cima, perto do chão, tocar a vida quase um bocadinho.

– Está certo. Não lhe vou pisar com muita terra.

Durante duas semanas o velho dedicou-se ao buraco. Quanto mais perto do fim mais se demorava. Foi de repente, vieram as chuvas. A campa ficou cheia de água, parecia um charco sem respeito. O velho amaldiçoou as nuvens e os céus que as trouxeram.

– Não fala asneiras, vai ser dado o castigo - aconselhou ela. Choveram mais dias e as paredes da cova ruíram. O velho atravessou o seu chão e olhou o estrago. Ali mesmo decidiu continuar. Molhado, sob o rio da chuva, o velho descia e subia, levantando cada vez mais gemidos e menos terra.

– Sai da chuva, marido. Você não aguenta, assim.

– Não barulha, mulher - ordenou o velho. De quando em quando parava para olhar o cinzento do céu. Queria saber quem teria mais serviço, se ele se a chuva.

No dia seguinte, o velho foi acordado pelos seus próprios ossos que o puxavam para dentro do corpo dorido.

- Estou a doer-me, mulher. Já não aguento levantar.
- A mulher virou-se para ele e limpou-lhe o suor do rosto.
- Você está cheio com a febre. Foi a chuva que apanhaste.
- Não é mulher. Foi que dormi perto da fogueira.
- Qual fogueira?

Ele respondeu um gemido. A velha assustou-se: qual o fogo que o homem vira? Se nenhum não haviam acendido?

Levantou-se para lhe chegar a tigela com a papa de milho. Quando se virou já ele estava de pé, procurando a pá. Pegou nela e arrastou-se para fora de casa. De dois em dois passos parava para se apoiar.

- Marido, não vai assim. Come primeiro.

Ele acenou um gesto bêbado. A velha insistiu:

- Você está esquerdear, direitar. Descansa lá um bocado.

Ele estava já dentro do buraco e preparava-se para retomar a obra. A febre castigava-lhe a teimosia, as tonturas dançando com os lados do mundo. De repente, gritou-se num desespero:

- Mulher, ajuda-me.

Caiu como um ramo cortado, uma nuvem rasgada. A velha correu para o socorrer.

- Estás muito doente.

Puxando-o pelos braços ela trouxe-o para a esteira. Ele ficou deitado a respirar. A vida dele estava todo ali, repartida nas costelas que subiam e desciam. Neste deserto solitário, a morte é um simples deslizar, um recolher de asas. Não é um rasgão violento como nos lugares onde a vida brilha.

- Mulher - disse ele com voz desaparecida.
- Não lhe posso deixar assim.
- Estás a pensar o quê?
- Não posso deixar aquela campa sem proveito. Tenho que matar-te.
- É verdade, marido. Você teve tanto trabalho para fazer aquele buraco. É uma pena ficar assim.
- Sim, hei-de matar você; hoje não, falta-me o corpo.
- Ela ajudou-o a erguer-se e serviu-lhe uma chávena de chá.

– Bebe, homem. Bebe para ficar bom, amanhã precisas da força.

O velho adormeceu, a mulher sentou-se à porta. Na sombra do seu descanso viu o sol vazar, lento rei das luzes. Pensou no dia e riu-se dos contrários: ela, cujo nascimento faltara nas datas, tinha já o seu fim marcado. Quando a lua começou a acender as árvores do mato ela inclinou-se e adormeceu. Sonhou dali para muito longe: vieram os filhos, os mortos e os vivos, a machamba encheu-se de produtos, os olhos a escorregarem no verde. O velho estava no centro, gravatado, contando as histórias, mentira quase todas. Estavam ali os todos, os filhos e os netos. Estava ali a vida a continuar-se, grávida de promessas. Naquela roda feliz, todos acreditavam na verdade dos velhos, todos tinham sempre razão, nenhuma mãe abria a sua carne para a morte. Os ruídos da manhã foram-na chamando para fora de si, ela negando abandonar aquele sonho. Pediu à noite que ficasse para demorar o sonho, pediu com tanta devoção como pedira à vida que não lhe roubasse os filhos.

12

Procurou na penumbra o braço do marido para acrescentar força naquela tremura que sentia. Quando a sua mão encontrou o corpo do companheiro viu que ele estava frio, tão frio que parecia que, desta vez, ele adormecera longe dessa fogueira que ninguém nunca acendera.

[In: *Vozes Anoitecidas*. Ed. Caminho. 1987]

Mia Couto – Oheň

STAŘENA seděla na rohoži a nehnutě čekala na muže, který odešel do buše. Nohy měla znaveny stářím a také věčným chozením. Její majetek byl roztroušen po zemi. Misky, košíky, tlouk. A kolem taková nicota, že dokonce i vítr byl sám.

Stařec se vracel. Jako obvykle šouravým krokem, jímž usměrňoval svůj smutek od té chvíle, kdy se nejmladší děti vydaly na cestu, z níž není návratu.

„Můj muž se scvrkává. Je z něj stín.“ pomyslela si stařena.

Pravda, stín. Ovšem stín duše bez těla, protože to skoro neměl. Stařec se přiblížil a složil své vyzáblé tělo na vedlejší rohož. Zvedl hlavu, a aniž by se na ženu podíval, pronesl:

„Přemýšlím.“

„No a o čem, muži?“

„Když umřeš, tak jak tě já, sám, nemocný a vyčerpaný, jak tě pochovám?“

Vyhublými prsty přešel po slaměné rohoži a dodal:

„Ženo, jsme chudí, nemáme nic a nikoho. Měl bych začít kopat tvůj hrob.“

Žena se dojatě usmála:

„Jsi hodný manžel. Měla jsem štěstí na muže svého života.“

Stařec se mlčky zapřemýšlel. O něco později pronesl:

„Jdu se podívat po nějaké lopatě.“

„Kde bys k ní přišel?“

„Zajdu do koloniálu.“

„To půjdeš až tam? Vždyť je to dálka.“

„Vrátím se někdy v noci.“

I ticho zmlklo, aby stařena mohla poslouchat, jestli se manžel vrací. Chuchvalce prachu zadržovaly poslední sluneční paprsky, když se stařec objevil.

„Sehnals, muži?“

„Byla strašně drahá,“ pozvedl lopatu, aby ji snáz obvinil.

„Zítřka z rána začnu kopat.“

Uložili se ke spánku, každý zvlášť. Žena starce jemně vytrhla z dřímoty slovy:

„Ale muži...“

„Copak?“

„Vždyť ani nejsem nemocná.“

„Musíš být, vždyť už jsi hodně stará.“

„Možná,“ uznala ona, a usnuli.

Následujícího rána si muž ženu bedlivě prohlížel:

„Přeměřuju si tě a zdá se mi, že jsi nějak větší, než jsem myslel.“

„Ale ne, jsem malá.“

Šla pro dříví a nalámala pár klacků:

„Muži, dříví už nám dochází, dojdou do buše pro další.“

„Jen běž, ženo. Já se pustím do toho tvého hrobu.“

Už se vzdalovala, ještě si pohybem ruky upravila šátek capulana, a jak byla zády k svému muži, prohodila:

„Poslyš, muži, mám na tebe prosbu...“

„Co to má být?“

„Nekopej hluboko, chci ležet hned pod povrchem země a cítit život aspoň trošičku.“

„Dobrá, nezašlapu tě tak hluboko.“

Dva týdny stařec hloubil jámu. Čím víc se blížil cíli, tím déle mu to trvalo. A náhle přišly deště. Hrob se naplnil vodou a vypadal jako nevzhledná louže. Stařec proklínal mraky a nebe, které je přineslo.

Žena mu radila:

„Neříkej hlouposti, vymstí se ti to.“

Pršelo několik dalších dní a stěny hrobu se sesuly. Stařec vlezl dovnitř a pozoroval tu spoušť. Rozhodl se pokračovat. Celý promočený, bičovaný proudem deště lezl tam a zpět, úpěl čím dál více a hlíny vynášel stále méně.

„Pojď se schovat, muži. Vždyť tohle nemůžeš vydržet.“

„Nehluč, ženská,“ okřikl ji stařec. Čas od času přestal kopat a zkoumal šedou oblohu. Snažil se uhodnout, kdo bude mít navrch, on nebo déšť?

Nazítří se mu dostalo odpovědi, všechny kosti ho vtahovaly do rozbolavělého těla.

„Ženo, jsem celý rozlámaný. Ani se nezvednu.“

Stařena se obrátila k muži a setřela mu pot z obličeje.

„Celý hoříš. To ten děšť.“

„Ale ne, to je tím, že jsem spal blízko ohně.“

„Jakého ohně?“

Místo odpovědi se ozvalo zasténání. Stařena se vyděsila a ptala se sama sebe, o jakém ohni to tak asi mluví, když žádný nerozdělávali?

Zvedla se, aby mu podala misku kukuřičné kaše. Když se otočila, byl muž už na nohou a hledal lopatu. Popadl ji a dovlekl se s ní ven. Každý druhý krok se zastavil, aby se opřel.

„Takhle nikam nechod, muži. Nejdřív se najez.“

On jen opilecky mávl rukou. Nicméně stařena dál naléhala:

„Vždyť se kymácíš ze strany na stranu, odpočiň si trochu.“

Stařec mezitím vlezl do jámy a chystal se dál kopat. Horečka ho za tvrdohlavost trestala, mdloby s ním smýkaly do všech světových stran.

Náhle, tak jako blesk z čistého nebe, padl jak podřatý strom. Stařena mu přiběhla na pomoc:

„Jsi na tom vážně zle.“

Za ruce ho dotáhla na rohož. Muž ležel a sotva dýchal. Mezi stoupající a klesající žebra se rozplizl celý jeho život. V takovéto pustině přichází smrt jako pouhé smýknutí, složení křídel. Žádné brutální trhnutí jako tam, kde to překypuje životem.

Nepřítomným hlasem se na ni stařec obrátil:

„Ženo, takhle tě nemůžu opustit.“

„Jak to myslíš?“

„Budu tě muset zabít. Ať hrob nezůstane ležet ladem.“

„Pravda, muži. Tolik práce ti dalo vyhloubit tu díru, byla by škoda, kdyby se nepoužila.“

„Právě, musím tě zabít. Ale dneska to nebude, nemám na to sílu.“

Žena mu pomohla posadit se a podala mu hrnek čaje:

„Napij se, muži. Pít musíš, aby se ti udělalo líp. Zítřa potřebuješ být při síle.“

Stařec usnul a žena si sedla do dveří. Odpočívala a pozorovala mizící slunce, vládce všeho světla. Při myšlence na následující den se

pousmála té ironii: kdy přišla na svět netuší, ale kdy ho opustí, to ví přesně. Když měsíc začal ozařovat stromy v buši, lehla si a usnula. Zdálo se jí mnoho věcí: přišly všechny jejich děti, ty mrtvé i ty živé; políčko bylo plné plodin, oči se topily v záplavě té zeleně. Její muž, s uvázanou kravatou, všemi obklopen, vyprávěl historky, z nichž skoro žádná nebyla pravdivá. Byli tam všichni, děti, vnoučata. Život plynul dál obtěžkán sliby. V onom šťastném rodinném kruhu všichni věřili slovům rodičů, všichni měli vždy pravdu, žádná z matek nepustila smrt do svého těla. Zvuky přicházejícího rána ji pomalu vytrhávaly ze snu. Nechtěla se ho vzdát. Prosila, aby noc ještě nekončila a ona tak mohla snít dál. Prosila tak vroucně, jako když žádala, aby jí smrt nebrala děti.

V přítmí se snažila chytit muže za ruku, aby se zbavila úzkosti, již pociťovala. Když konečně nahmatala jeho tělo, zjistila, že je studené. Studené tak, až se zdálo, že tentokrát její muž musel spát hodně daleko od onoho ohně, který nikdo nikdy nerozdělal.

Mia Couto – Ohnisko

STARENA sedela na rohoži a čakala na muža, ktorý vychádzal z buša. Unavené nohy trpeli dvojmo: starými cestami a prechodenými časmi.

Celý jej majetok ležal na zemi: misky, košíky, tlčik. Okolo bola iba ničota, ba aj vietor bol osamelý.

Starec prichádzal, tak ako mal vo zvyku – pomaly. Odkedy sa mu najmladšie deti vydali na cestu, ktorá nevedie späť, chodieval si popásť svoj smútok.

„Môj muž sa stráca,“ pomyslela si. „Je z neho len tieň.“

Áno, tieň. No iba tieň duše, pretože tela už takmer nebolo. Starec podišiel bližšie a uložil svoje chudé telo na vedľajšiu rohož. Pozdvihol tvár, ani sa na ženu nepozrel a povedal:

„Rozmýšľam.“

„O čom, muž môj?“

„Ak zomrieš, ako ja sám, chorý a zoslabnutý, ako ťa pochovám?“

Prešiel vychudnutými prstami po slamenej rohoži a pokračoval:

„Sme chudobní, nemáme nič. Ani nikoho. Bolo by lepšie začať pre teba kopať hrob, žena moja.“

Žena sa dojato usmiala:

„Si dobrý manžel! V živote som mala na chlapa šťastie.“

Muž zostal ticho, premýšľal. Iba neskôr jeho ústa prehovorili:

„Pôjdem sa pozrieť po nejakej lopate.“

„Odkiaľ by si zobral lopatu?“

„Pôjdem sa pozrieť do obchodu.“

„Pôjdeš odtiaľto až do obchodu? Ved' je to ďaleko.“

„Do noci sa vrátim.“

Všetko ticho zmĺklo, aby mohla počúvať, kedy sa manžel vráti. Chuchvalce prachu ešte zadržovali posledné lúčce slnka, keď sa vrátil.

„Tak čo, muž môj?“

„Bola naozaj veľmi drahá,“ zodvihol lopatu, aby si ju lepšie obzrel.

„Zajtra ráno začnem hľbiť.“

A ľahli si spať, vzdialení jeden od druhého. Žena ho ešte nežne zobudila, keď zaspával:

„Ale, muž môj...“

„Áno?“

„Veď ani nie som chorá.“

„Musíš byť. Veď si už dosť stará.“

„To je pravda,“ pritakala. A tak zaspali.

Na druhý deň ráno sa na ňu prenikavo zahľadel.

„Musím si ťa premerať. Nakoniec si väčšia, ako som si myslel.“

„Vôbec nie, som malá.“

Išla po drevo a pritiahla niekoľko brvien.

„Už niet dreva, muž môj. Idem do bušu nabrať viac.“

„Chod, žena. Ja tu zostanem kopať svoj cintorín.“

Už bola na odchode, keď sa jedným pohybom schytila za kapulanu a ako k nemu stála chrbtom, povedala:

„Pozri, starký. Žiadam ťa len o jedno...“

„Čo chceš?“

18

„Nekop hlboko. Chcem zostať navrchu, pri zemi, akoby som sa trochu dotýkala života.“

„Dobre. Nehodím na teba veľa hlíny.“

Starec sa dva týždne venoval diere. Čím väčšmi sa blížil ku koncu, tým väčšmi zaostával. Náhle však prišli dažde. Jama sa naplnila vodou a vyzerala ako neforemná kaluž. Starec preklíňal oblaky a nebesia, ktoré ich priviedli.

„Nehreš, lebo ťa stihne trest,“ radila mu. Pršalo niekoľko dní a steny hrobu sa zrútili. Starec prekročil zem a pozeral na škody. Rozhodol sa tam kopať ďalej. Premočený starec pod prúdmi dažďa klesal a stúpajúc a zakaždým sa predieralo na povrch viac povzdychov a menej hlíny.

„Pod' z toho dažďa, muž môj. Takto dlho nevydržíš.“

„Nevykrikuj, žena,“ rozkázal starec. Z času na čas sa pozrel na šedivú oblohu. Chcel vedieť, kto urobí viac práce, či on, alebo dážď.

Na druhý deň starca zobudili vlastné kosti, ktoré ho sťahovali dovnútra uboleného tela.

„Všetko ma bolí, žena. Nezvládnem už vstať.“

Žena prišla za ním a utrela mu spotenú tvár.

„Si celý rozhorúčený. To máš z toho dažďa.“

„Ale nie, žena. Len som spal blízko ohniska.“

„Akého ohniska?“

Odpovedalo zaňho stonanie. Starena sa vydesila: aký oheň ten chlap videl? Keď ani žiadny nezapálili?

Postavila sa, že mu prinesie misku kukuričnej kaše. Keď sa otočila, bol už na nohách a hľadal lopatu. Chytil ju do rúk a vyplazil sa von z domu. Na každom druhom kroku musel zastať, aby sa mohol podprieť.

„Muž môj, takto to nepôjde. Najskôr sa najedz.“

Len mávol akýmsi opitým gestom. Starena nástojila:

„Kolíšeš sa zo strany na stranu. Oddýchni si trochu.“

On už však bol v jame a chystal sa znovu pustiť do práce. Horúčka ho trestala za tvrdohlavosť a on v závratoch tancoval so všetkými stranami sveta. Zrazu zúfalo vykrikol:

„Žena, pomôž mi.“

Spadol ako zrezaný konár, ako pretrhnuté mračná. Starena mu pribehla na pomoc.

„Ved' si celý chorý.“

Ťahala ho za ruky, až ho priniesla na rohož. Zostal ležať a dýchal. Jeho život bol už preč, rozdelený medzi rebrami, ktoré sa dvíhali a klesali. V tejto osamelej púšti je smrť ako malé pošmyknutie, jedno mávnutie krídel. Nie je to prudká rana ako na miestach, kde život žiari.

„Žena,“ povedal vytrácajúcim sa hlasom.

„Nemôžem ťa takto nechať.“

„Čo tým myslíš?“

„Nemôžem nechať ten hrob len tak. Musím ťa zabiť.“

„To je pravda, muž môj. Mal si toľko práce s vykopaním tej jamy. Je škoda nechať ju len tak.“

„Áno, zabijem ťa, ale dnes nie, telo už nevládze.“

Pomohla mu zodvihnúť sa a priniesla mu šálku čaju.

„Napi sa,“ povedala. „Pi, aby si bol zdravý, zajtra budeš potrebovať veľa síl.“

Starec zaspal a žena sa posadila ku dverám. V tieni jeho odpočinku videla, ako sa vytráca slnko, ten nenáhlivý kráľ lúčov. Myslela na deň a smiala sa nad tým protikladom: ona, čo ani nevie, kedy sa narodila, už vie, kedy nastane jej koniec. Keď začal mesiac osvetľovať stromy v buši,

oprela sa nabok a zaspala. Sny sa zatúlali do diaľav, prišli deti, mŕtvi aj živí, polia sa zaplnili úrodou, oči klzali po zeleni. Starec s kravatou bol v strede a rozprával príbehy, takmer žiaden pravdivý. Boli tam všetci, deti aj vnúčatá. Bol tam život, ktorý plynul ďalej, plodný na sluby. V tom šťastnom kruhu všetci skutočne verili starým, všetci mali vždy pravdu, žiadna matka nevystavila svoju krv smrti. Šum rána ju prišiel zavolať preč, no ona odmietala opustiť sen. Žiadala noc, aby ešte zostala a zadržala sen, prosila tak vrúcne, ako keď prosila život, aby ju neokradol o deti.

V pološere hľadala manželovu ruku, aby si dodala sily v záchvevoch, ktoré cítila. Keď jej ruka našla svojho druhu, videla, že je studený, taký studený, až sa zdalo, že tentokrát zaspal ďaleko od toho ohniska, ktoré nikto nikdy nezapálil.

Preklad: *Zuzana Hríbiková*



Mia Couto – A tűz

Az öregasszony a gyékényen ült és pihent, várta haza az urát az erdőből. Lábai fáradtság gyötörte két ok miatt is: hosszú utat jártak már be, és az asszony felett az idő is elszállt.

Amije csak volt, szétszórva hevert a padlón: tálak, kosarak, mozsár. Körülötte semmi sem volt, ugyanúgy, mint a szél, egyedül volt. Az öreg megérkezett. Lassan, ahogy szokott. A bánat kísérte útján, mióta legkisebb fia útnak indult, és soha sem tért vissza.

„Az uram egy nap elfogy”, gondolta az asszony, „Már csak önmaga árnyéka.”

Árnyék igen, de már csak a lelke árnyéka, mert teste szinte alig van. Az öregember közelebb ért, és sovány testével az asszony mellé ült a gyékényre. Felemelte arcát, és anélkül, hogy az asszonyra nézett volna, azt mondta:

– Gondolkodtam valamin.

– És min gondolkodott, édes uram?

– Ha egy nap meghalsz, hogyan is foglak egyedül, betegem és erőtlennül eltemetni majd téged?

Vékony ujjait a szalmaszékrehelyezte, és folytatta:

– Szegények vagyunk, nincs semmink és senkink. Jobb, ha már most elkezdem megásni a sírodat.

Az asszony meghatódva mosolygott:

– Milyen jó férj maga. Igazán szerencsém volt, hogy maga lett az én hites uram.

Az öreg hallgatott, gondolkodott, és csak jóval később szólalt meg.

– Megyek és keresek egy ásót.

– Honnan tud ásót hozni?

– Megnézem a kereskedésben.

– Innen elmegy a kereskedésig? Az nagyon messzire van.

– Estig haza kell, hogy érjek.

Az asszony körül minden elcsendesedett, és várta, hogy mikor tér vissza az ura. Már csak egy cérnaszál tartotta az égbolton az utolsó napsugarat, mikor az öreg visszatért.



– Nos hát, édes uram?

– Nagyon drága volt– és hozta az ásót, hogy megmutassa neki. – Holnap reggel nekiállok az ásásnak.

Nyugovóra tértek. Az öreg már majdnem elszenderült, amikor az asszony így szólt:

– De, én... édes uram..

– Mondd csak!

– Én nem vagyok beteg.

– Már hogy ne lennél, annak kell lenned, hiszen már nagyon öreg vagy.

– Lehetséges – értett vele egyet. Majd mindketten álomba merültek.

A következőnap reggelén hosszasan nézte az asszonyt.

– A méreteket próbálom megbecsülni. Úgy tűnik, nagyobb vagy, mint amire gondoltam.

– Dehogyan, hisz én apró vagyok.

Az asszony odament a tűzifához, és kihúzott néhány fahasábot.

– Elfogyott a tűzifa, megyek, hozok az erdőből.

22

– Menj csak asszony, én megyek, és keresek egy helyet, ahol megáshatom a sírodat.

Az asszony már odébb ment, amikor egy láthatatlan érintéstől megtorpant, és a válla fölött odaszólt az urának:

– Hallgasson ide, valamit kérni szeretnék.

– És mi lenne az?

– A gödör ne legyen nagyon mély. Azt szeretném, ha közel maradnék a földhöz, így egy kicsikét megérinhetném az életet.

– Rendben van. Nem fogok sok földet hordani rád.

Két héten keresztül az öreg minden idejét a gödör ásásának szentelte. Amennyivel közelebb került a befejezéshez, ugyanannyival került távolabb attól. Az eső váratlanul eleredt. A gödört elöntötte a víz és csak egy közönséges pocsolyának tűnt. Az öreg átkozta a felhőket, és az eget, amely hozta őket.

– Ne beszéljen számárságot, mert ez a büntetés– mondta az asszony. Az eső több napon át kitartóan esett, és a gödör falai beomlottak. Az öreg kiment a földjére, és nézte az eső által okozott rombolást. Ott és akkor elhatározta, hogy folytatja a munkát. A hömpölygő



esőben bőrig ázva hajolt le és emelkedett fel, minden alkalommal egyre többet nyögött, de egyre kevesebb földet szedett ki.

– Hagyja az esőt és jöjjön be, édes uram. Így nem fogja bírni.

– Ne óbégass, asszony–parancsolta a férfi. Időnként megállt, és tekintetét a szürke égboltra emelte.

Tudni akarta, hogy ki bírja tovább a munkát, ő vagy az eső.

A következő nap az öreg csontig hatoló fájdalmat érzett, egész testéből sugárzott a fájdalom és a szenvedés.

– Beteg vagyok, asszony. Már nem bírok talpra állni.

Az asszony az öreg felé fordult, és homlokáról letörölte a verejtéket.

– Az egész teste lázban ég. Az eső miatt van így, mert megázott.

– Nem, asszony, amiatt történt, mert kialudt a tűz.

– Milyen tűz?

Az öreg szinte nyögve válaszolt. Az asszony megijedt, nem értette, hogy milyen tűzről beszél az ura. Hiszen nem is volt semmilyen tűz meggyújtva.

Felkelt, hogy hozzon neki egy tál kukoricakását. Mire megfordult az öreg már lábra állt, és az ásóját kereste. Megragadta, és vonszolta a házból kifelé. Minden második lépésnél megállt, hogy megkapaszkodjon.

– Férjurar, ne menjen így ki. Egyen előbb.

Az öreg tétován lépkedett, mint aki részeg. Az asszony kérlette:

– Álljon meg, és pihenjen meg egy kicsit.

Az öreg addigra már a gödör mélyén folytatta a munkát. A láz büntette a keményfejűségéért, s úgy szédült, mint ha a világ peremén táncolna. Hirtelen kétségbeesve kiabálni kezdett:

– Asszony, segíts nekem!

A földre zuhant mint egy levágott faág, mint egy széttépett felhő. Az asszony odafutott hozzá, hogy segítsen rajta.

– Nagyon beteg.

Kirángatta a gödörből, és elvonszolta a házig, a gyékényre fektette. Az öreg fekve maradt, hogy levegőt kapjon. Az egész élet ott volt szétáramolva a bordák alatt, amelyek megemelkedtek, majd süllyedtek.

Ebben a magányos sivatagban a halál csak egy egyszerű suhanás, a szárnyak bontogatása. Nem egy erőszakos elszakadás az élettől, mint azokon a helyeken, ahol minden csupa csillogás.



- Asszony – mondta elcsukló hangon –, nem tudlak csak így itt hagyni.
- Mire gondol?
- Nem tudom itt hagyni a sírt anélkül, hogy ne legyen haszna a munkámnak. Így meg kell, hogy öljelek.
- Igaza van édes uram, olyan sokat dolgozott, hogy megássa az én síromat. S csak a felesleges gyötrelmem maradna, ha nem temetne el.
- Igen, meg kell, hogy öljelek, de nem ma. Ma nincs hozzá erőm.
- Az asszony segített neki felállni, és hozott neki egy csésze teát.
- Igyon, édes uram. Igyon, hogy jobban legyen. Holnap szüksége lesz az erejére.

24 Az öreg álomba merült, és az asszony leült az ajtóba. Ahogy ott pihent, nyugalma árnyékában látta, ahogy a nap, a fények királya, fáradtan szórja utolsó sugarát. Gondolkodott az aznapi történeteken, és azon az ellentmondáson, miszerint ő, aki nem is tudja születésének pontos dátumát, ismeri halálának időpontját. Amikor a hold feljött az égre, hogy az erdő fáit fényárba öltöztesse, az asszony eldőlt, és álomba merült. Álmodott, és álmában jöttek a gyerekei, a holtak és élők, s a birtok telis-tele volt terménnyel, szemet gyönyörködtető zölddel. S az öreg ott ült közöttük, és mesélte történeteit, majdnem mindegyik hazugság volt. Ott voltak mindannyian, a gyerekek és az unokák. Ott volt maga az élet, mely ígéretekkel teli volt a folytatáshoz. Abban a boldog családi körben mindenki hitt az öregeknek, mindig mindenkinek igaza volt, és egyikőjük anyja sem akarta magát átadni a halálnak. A reggel zajára ébredt, és nem hitte el, hogy az álom köddé vált. Pedig kérte az éjszakát, hogy az álom maradhasson, kérte minden hódolatával, alázatával, ahogy az élettől kérte, hogy ne vigye el a gyerekeit.

Kereste a félhomályban az ura karját, hogy hozzábújjon, és erőt sugározzon abba a remegésbe. Amikor keze megérintette társa testét érezte, hogy a test már hideg, olyan hideg, hogy úgy tűnt, ez alkalommal örökre elaludt, és egyre távolodott attól a tűztől, melyet soha, senki sem gyújtott meg.

Sirkó-Németh Mariann fordítása

Mia Couto – Palenisko

Staruszka siedziała na wiklinowej macie, czekając na mężczyznę wychodzącego z buszu. Nogi cierpiały podwójne zmęczenie: od wieloletnich ścieżek i od wielu lat na nich spędzonych.

Cały jej majątek rozrzucony był na podłodze: miski, kosze, moździerze. Wokół była nicość. Nawet wiatr był sam.

Starzec zbliżał się powoli, jak to miał w zwyczaju. Pielęgnował swoje smutki, odkąd najmłodsze dzieci wyruszyły w drogę bez powrotu.

„Mój mąż się kurczy” pomyślała staruszka. „To cień”.

Cień, tak. Jednak jedynie jego duszy, bo ciała prawie nie miał. Staruszek zbliżył się i złożył swoją mizerność na sąsiedniej macie. Podniósł głowę i bez patrzenia na kobietę powiedział:

— Tak sobie myślę.

— O czym, mój mężu?

— Kiedy umrzesz, to jak ja sam, chory i bez sił, cię pochowam?

Przebiegł chudymi palcami po słomkach maty i mówił dalej:

— Jesteśmy biedni. Jedyne, co mamy, to nic. Nie mamy nawet nikogo. Dobrze by było zacząć już kopać twój grób, żono.

Kobieta, poruszona, uśmiechnęła się.

— Jaki z ciebie dobry mąż. Miałam szczęście, że spotkałam takiego mężczyznę.

Starzec zamilkł zamyślony. Jedyne później jego usta poruszyły się:

— Poszukam jakiejś łopaty.

— Skąd weźmiesz łopatę?

— Sprawdzę u handlarza.

— Pójdiesz aż do handlarza? To daleko.

— Wrócę, zanim się ściemni.

Otoczająca ją cisza zamilkła, by kobieta mogła nastuchiwać powrotu męża. Kiedy wrócił, strzępki kurzu wstrzymywały jeszcze ostatnie promienie słońca.

— I jak, mężu?

— Była przedroga. — W celu podkreślenia swoich słów podniósł topatek.

— Jutro rano zacznę kopać.

Położyli się spać oddaleni od siebie. Kobieta delikatnie przerwała mu sen.

— Ale mężu...

— O co chodzi?

— Ja nawet nie jestem chora.

— Musisz być. Jesteś bardzo stara.

— Możliwe — zgodziła się. Zasnęli.

Następnego dnia z rana mężczyzna przyglądał jej się intensywnie.

— Mierzę cię. Jesteś większa, niż myślałem.

— Coś ty, jestem niewielka.

Poszła po opał i wyciągnęła kilka szczap.

— Kończy się drewno, mężu. Pójdę do buszu przynieść więcej.

— Idź, żono. Ja zostanę tu kopać twój grób.

Już się oddalała, gdy coś jakby chwyciło ją za kapulana, i tak, jak stała, plecami do niego, powiedziała:

— Słuchaj, starcze. Mam prośbę...

— Co chcesz?

— Niech będzie płytki. Chcę zostać blisko powierzchni, dotykać życia chociaż odrobinę.

— W porządku. Nie przysypię cię dużą ilością ziemi.

Przez dwa tygodnie starzec oddawał się kopaniu dziury. Im bliżej był końca, tym więcej czasu mu to zajmowało. Niespodziewanie przyszedł deszcz. Grób wypełnił się wodą i zaczął przypominać niegodne grzęzawisko. Starzec przeklął chmury i niebiosa, które je sprowadziły.

— Nie złorzecz, będziesz ukarany — ostrzegła go staruszka. Padało jeszcze kilka dni i ściany grobu osunęły się. Starzec spojrzął na zniszczenia. Mimo wszystko postanowił od razu wrócić do kopania. Zmoknięty, nie zważając na strugi deszczu, staruszek wchodził i wychodził, wynosząc za każdym razem coraz więcej jęków i coraz mniej ziemi.

— Schowaj się przed deszczem, mężu. Nie dasz rady.

— Nie rób hałasu, kobieto — rozkazał starzec. Od czasu do czasu przerywał, by spojrzeć na szarość nieba. Chciał wiedzieć, kto miał więcej pracy, on czy deszcz.

Następnego dnia obudziły go własne kości, wciągające go do wnętrza obolałego ciała.

— Bołę się, żono. Nie dam rady wstać.

Kobieta zwróciła się ku niemu i starta pot z jego twarzy.

— Jesteś rozpalony. To przez deszcz.

— Nie, żono. To dlatego że spałem blisko paleniska.

— Jakiego paleniska?

Odpowiedział jękiem. Staruszka przeraziła się: o jakim ogniu mówił, skoro nikt żadnego nie rozpałał?

Wstała, by przynieść mu miskę papki kukurydzianej. Gdy się odwróciła, był już na nogach i szukał topaty. Znalazłszy ją, skierował się do drzwi i z trudem wyszedł z domu. Przystawał co drugi krok by się podeprzeć.

— Mężu, nie wychodź w takim stanie. Zjedz coś najpierw.

Kiwnął niedbale. Staruszka nalegała:

— Stániasz się to w jedną, to w drugą. Odpocznij chociaż trochę.

Ale on był już w dziurze i przygotowywał się do dalszego kopania. Gorączka karała go za upartość, świat przed nim zaczął wirować. Nagle krzyknął rozpaczliwie:

— Żono, pomóż mi.

Upadł jak ścięta gałąź, jak rozerwana chmura. Staruszka pospieszyła mu na pomoc.

— Jesteś bardzo chory.

Ciągnąc za ramiona, przeniosta go na matę. Leżał i dyszał. Całe jego życie było właśnie tam, w żebrach, które wznosiły się i opadały. Na tej samotnej pustyni śmierć to jedynie zwykłe potknięcie, złożenie skrzydeł. W przeciwieństwie do miejsc, gdzie życie iskrzy, a śmierć jest gwałtownym rozdarciem.

— Żono — powiedział słabnącym głosem. — Nie mogę cię tak zostawić.

— Co masz na myślisz?

— Nie mogę zostawić tego niewykorzystanego grobu. Muszę cię zabić.

— To prawda, napracowałeś się nad tą dziurą. Szkoda ją tak zostawiać.

— Tak, zabiję cię, ale nie dziś. Brakuje mi sił.

Pomogła mu wstać i podała filiżankę herbaty.

— Pij. Pij, poczujesz się lepiej. Jutro będą potrzebne ci siły.

Starzec zasnął, a kobieta usiadła w drzwiach. Pogrążona w odpoczynku, zobaczyła przebłąski słońca, powolnego króla światła. Pomyślała o całym dniu i zaśmiała się z ironii losu: ona, której data urodzenia nie była znana, miała już wyznaczoną datę śmierci. Gdy księżyc rozświetlił drzewa, położyła się i zasnęła. Sen zabrał ją daleko: przyszły jej dzieci, te żyjące i te już martwe, pola wypełniły się darami natury, a jej oczy wodziły po polaci zieleni. Starzec stał na samym środku w krawacie, opowiadając historie, w większości zmyślane. Byli tam wszyscy, dzieci i wnuki. Było tam toczące się życie pełne obietnic. W tym szczęśliwym kręgu wszyscy wierzyli w mądrość starców, wszyscy mieli zawsze rację, żadna matka nie otwierała swojego ciała, by wydać na świat śmierć. Poranny gwar przywoływał ją, by opuściła swoje wnętrze, jednak ona odmawiała porzucenia swego snu. Prosiła noc, by została, by ten mógł dalej trwać. Prosiła z takim oddaniem, jak błagała wcześniej życie, by nie odbierało jej dzieci.

Szukała w półcieniu ramienia męża, by dało jej siłę w drzeniu, które odczuwała. Gdy jej dłoń odnalazła ciało towarzysza, poczuła, że było zimne. Tak zimne, że wydawało się, jakby tym razem zasnął daleko od paleniska, którego nikt nigdy nie rozpałił.

Przełożyła *Maria Szymańska*